

de sacrifícios. A memória das gerações passadas lhe faz crer no poder propiciatório do rito para alcançar as boas graças de seres que ele próprio criou.

A religião é vivida antes de tudo como angústia. Não é inventada, mas essencialmente estruturada pela casta sacerdotal, que cumpre o papel de intermediário entre seres temíveis e o povo, fundando assim a sua hegemonia. Com frequência o chefe, o monarca ou uma classe privilegiada, de acordo com os elementos de seu poder e para salvaguardar a soberania no mundo, se atribuem as funções sacerdotais. Ou então se estabelece uma comunidade de interesses entre a casta política dominante e a casta sacerdotal.

Os sentimentos sociais constituem a segunda causa dos fantasmas religiosos. Porque o pai, a mãe ou o chefe de imensos grupos humanos, todos enfim, são frágeis e mortais. Então a paixão pelo poder, pelo amor e pela forma externa impele a imaginar um conceito moral ou social de Deus. O Deus-Providência preside o destino, socorre, recompensa e castiga. Segundo a imaginação humana, esse Deus-Providência ama e favorece a tribo, a humanidade, a vida, consola na adversidade e no malogro, protege a alma dos mortos. É este o sentido da religião vivida de acordo com o conceito social ou moral de Deus. Nas Sagradas Escrituras do povo judeu, manifesta-se claramente a passagem de uma religião-angústia para uma religião-moral. As religiões de todos os povos civilizados, particularmente dos povos orientais, se manifestam como basicamente morais. O progresso de um grau ao outro constitui a vida dos povos. Por isto desconfiamos do preconceito que define as religiões primitivas como religiões de angústia e as religiões dos povos civilizados como morais. Todas as simbioses existem, mas a religião-moral predomina onde a vida social atinge um nível superior. Estes dois tipos de religião constroem uma idéia de Deus pela imaginação do homem.

Somente indivíduos particularmente profundos e comunidades particularmente sublimes se esforçam por ultrapassar esta experiência religiosa. Todos, no entanto, podem atingir a religião em um último grau, raramente acessível em sua pureza total. Dou a isto o nome de religiosidade cósmica, e não posso falar dela com facilidade, já que se trata de uma noção muito nova, e a ela não corresponde conceito algum de um Deus antropomórfico.

O ser experimenta o nada das aspirações e vontades humanas, e descobre a ordem e a perfeição, ali onde o mundo da natureza corresponde ao mundo do pensamento. A existência individual é vivida então como uma espécie de prisão, e o ser deseja vivenciar a totalidade do Ser como um conjunto perfeitamente inteligível. Notam-se exemplos dessa religião cósmica, nos primeiros momentos da sua evolução, em alguns salmos de Davi ou em alguns profetas. Em grau infinitamente mais elevado, o budismo organiza os dados do cosmos, que os maravilhosos textos de Schopenhauer nos ensinaram a decifrar. Ora, os gênios religiosos de todos os tempos se distinguiram por essa religiosidade diante do cosmos. Ela não tem dogmas nem um Deus concebido à imagem do homem; portanto nenhuma Igreja ensina a religião cósmica. Temos também a impressão de que os hereges de todos os tempos da história humana se nutriam com esta forma superior de religião. Contudo, seus contemporâneos muitas vezes os consideravam suspeitos de ateísmo, e às vezes, também, de santidade. Encarados deste ponto de vista, homens como Demócrito, Francisco de Assis, Spinoza se assemelham profundamente.

Como poderá transmitir-se de homem a homem esta religiosidade, uma vez que ela não pode chegar a nenhum conceito determinado de Deus, a nenhuma teologia? Para mim, o papel mais

importante da arte e da ciência consiste em despertar e manter desperto o sentimento dela naqueles que estão abertos para isso. Estamos começando a conceber a relação entre a ciência e a religião de um modo totalmente diferente da concepção clássica. A interpretação histórica considera ciência e religião adversários irreconciliáveis, por uma razão fácil de ser percebida. Aquele que está convencido de que a lei causal rege todo acontecimento não pode absolutamente encarar a idéia de um ser que intervém no processo cósmico, e ao mesmo tempo refletir seriamente sobre a hipótese da causalidade. Não pode encontrar um lugar para um Deus-angústia, nem mesmo para uma religião social ou moral: de modo algum pode conceber um Deus que recompensa e castiga, já que o homem age segundo leis rigorosas internas e externas, que lhe proibem projetar a responsabilidade sobre a hipótese-Deus, do mesmo modo que um objeto inanimado é irresponsável por seus movimentos. Por este motivo, a ciência foi acusada de prejudicar a moral. Coisa absolutamente injustificável. E como o comportamento moral do homem se fundamenta eficazmente sobre a simpatia ou os compromissos sociais, de modo algum implica uma base religiosa. A condição dos homens seria lastimável se tivessem de ser domados pelo medo do castigo ou pela esperança de uma recompensa depois da morte.

É compreensível, portanto, que as Igrejas tenham, em todos os tempos, combatido a Ciência e perseguido os seus adeptos. Mas eu afirmo com todo o vigor que a religião cósmica é o móvel mais poderoso e mais generoso da pesquisa científica. Só aquele que pode avaliar os gigantescos esforços e, antes de tudo, a paixão, sem os quais as criações intelectuais e científicas inovadoras não existiriam, é capaz de pesar a força do sentimento único que cria um trabalho totalmente desligado da vida prática. Que confiança profunda na inteligibilidade da arquitetura do mundo, e que vontade de compreender, nem que seja uma parcela minúscula da inteligência que desvenda o mundo, devia animar Kepler e Newton, para que tenham podido explicar os mecanismos da mecânica celeste, através de um trabalho solitário de muitos anos?

Aquele que só conhece a pesquisa científica por seus efeitos práticos vê depressa demais e incompletamente a mentalidade de homens que, rodeados de contemporâneos céticos, indicaram caminhos aos indivíduos que pensavam como eles. Ora, eles estão dispersos no tempo e no espaço. Só aquele que devota sua vida à mesma finalidade possui uma imaginação que permite compreender estes homens, e aquilo que os anima, que lhes estimula a força necessária para conservar seu ideal apesar de inúmeros fracassos. A religiosidade cósmica é pródiga em tais forças. Um contemporâneo declarava, não sem razão, que, em nossa época, instalada no materialismo, reconhece-se nos sábios escrupulosamente honestos os únicos espíritos profundamente religiosos.

A RELIGIOSIDADE DA PESQUISA

O espírito científico, fortemente armado com seu método, não existe sem a religiosidade cósmica. Ela se distingue da crença das multidões ingênuas que consideram Deus um Ser de quem se espera benevolência e do qual se teme o castigo – uma espécie de sentimento exaltado da mesma natureza que os laços do filho com o pai -, um ser com quem também estabelecem relações pessoais, por respeitadas que sejam.

Mas o sábio, bem consciente da lei de causalidade que determina qualquer acontecimento, decifra o futuro e o passado, que estão submetidos às mesmas regras de necessidade e determinismo. A moral não lhe cria problemas com os deuses, mas simplesmente com os homens.

E prosseguia:

“Se não nos juntarmos para tomar uma ação decisiva, as alterações climáticas irão devastar o nosso planeta, e juntamente com ele a nossa prosperidade e a nossa segurança. Desde há uma geração que os perigos têm se tornado evidentes. Agora, os fatos já começaram a falar por si próprios: 11 dos últimos 14 anos foram os mais quentes desde que existem registros, a camada de gelo ártico está a derreter-se, e os elevados preços do petróleo e dos alimentos no ano passado permitiram-nos ter uma antevisão de futuras catástrofes. Nas publicações científicas, a questão já não é se a culpa é dos seres humanos, mas sim quão pouco tempo ainda nos sobra para limitar os danos.” [1]

O editorial descreveu com precisão o momento que a humanidade vive atualmente: um momento cheio de perigos e desafios, mas igualmente cheio de oportunidades. Por outro lado, esta iniciativa pode ser vista também como mais um testemunho da tomada de consciência. O desafio planetário corre paralelamente com o despertar da cidadania mundial.

Olhadas do ponto de vista da teosofia, as periódicas alterações geológicas e civilizatórias surgem de acordo com ciclos evolutivos de longa duração. Podemos ler em “A Doutrina Secreta”:

“[O] nosso Globo está sujeito a sete mudanças periódicas e *completas*, que seguem *pari passu* com as raças.” [2]

Quem teve a oportunidade de assistir aos filmes “2012” e “O Dia Depois de Amanhã”, ambos do diretor Roland Emmerich, pode ficar com uma percepção do que são os momentos críticos que afetam uma raça-raiz. Apesar de “2012” não pretender ser um relato literal do que pode acontecer em nosso planeta num futuro próximo, este filme tem em si ainda assim um grande valor didático, e possui elementos suficientes para ser considerado, como escreveu Carlos Aveline, uma “aula de teosofia e ética planetária”. [3]

De qualquer forma, existe a possibilidade de a humanidade vir a assistir, até ao final do século, a alterações climáticas e geológicas de alguma envergadura. Como ensina a Filosofia Esotérica, os grandes ciclos dividem-se em ciclos menores e o que se aplica a uma raça-raiz aplica-se, numa escala menor e proporcional, a uma sub-raça e às suas sucessivas sub-divisões setenárias.

Isso é o que podemos ler em “A Doutrina Secreta”:

“As *Sub-raças* estão sujeitas ao mesmo processo de depuração, como também os ramos laterais ou raças de família.” [4]

Como tudo no Universo, estes processos cíclicos são regidos pela Lei do Carma e se relacionam, em alguns casos, com o fenómeno de mudança do eixo terrestre. De acordo com a Filosofia Esotérica, a inclinação do eixo terrestre muda ciclicamente e mantém uma relação direta com certas alterações geológicas.

Voltando às páginas de “A Doutrina Secreta”, encontramos esta afirmativa apresentada do seguinte modo:

“Pois a Doutrina Secreta ensina que, durante a presente Ronda, tem de haver sete *pralayas* [períodos de repouso] terrestres, ocasionados por desvios na posição do eixo da Terra. É uma *lei* que atua em épocas fixas, e de nenhum modo cegamente, como poderia pensar a Ciência; mas em estreita harmonia com a lei Cármica. Em Ocultismo esta Lei Inexorável é mencionada como ‘o grande AJUSTADOR’.” [5]

Um pouco mais adiante, somos advertidos para o fato de que o processo não é repentino mas, antes, que se pode estender por longos períodos de tempo:

“Tais seleções e mudanças não se verificam entre o nascer e o pôr do Sol, como se poderia imaginar, mas requerem vários milênios até que uma nova casa esteja pronta.” [6]

Helena Blavatsky informa-nos ainda que, desde o tempo da Primeira Raça-raiz, já aconteceram quatro alterações no eixo terrestre.

Fruto do trabalho de investigação que embasa o roteiro, um dos pontos abordados no recente filme “2012” é exatamente a possibilidade de uma perturbação na posição do eixo terrestre. Lentamente, esta questão começa a ser pressentida pela Ciência.

É interessante notar que alguns cientistas estavam já há algumas décadas atentos para esta hipótese. Um deles foi Albert Einstein, ele próprio um estudante de “A Doutrina Secreta”. [7]

Einstein chegou a escrever o prefácio para uma obra sobre a teoria de sucessivas alterações dos pólos ao longo da história da Terra. O livro é intitulado “The Earth's Shifting Crust” (mas na segunda edição tem o título “The Path of The Pole”). Foi escrito pelo historiador Charles Hapgood [8].

Albert Einstein parece considerar razoável a hipótese de que deslocamentos da crosta terrestre acabem por provocar, devido à própria dinâmica de rotação da Terra, alterações no seu eixo de rotação. De acordo com a teoria de Hapgood, esses deslocamentos podem ter origem em grandes erupções vulcânicas, sismos, degelo massivo das calotas polares, etc.

Diz Einstein, no prefácio:

“Nas regiões polares, há deposição contínua de gelo, que não é distribuído simetricamente sobre os pólos. A rotação da terra atua sobre essas massas depositadas assimetricamente, e produz um movimento centrífugo que é transmitido para a crosta rígida da terra. O constante processo centrífugo produzido desta forma, quando se chega a um certo ponto, produz um movimento da crosta terrestre sobre o resto do corpo da terra, e isso vai deslocar as regiões polares para o equador.”

Einstein conclui o prefácio com a seguinte observação:

“Se a crosta terrestre é na realidade tão facilmente deslocada ao longo de seu substrato como essa teoria exige, então as massas rígidas perto da superfície da Terra devem ser distribuídas de tal forma que dão origem ao deslocamento da crosta por efeito centrífugo. Penso que pode ser viável

verificar esta dedução, pelo menos aproximadamente. Esta dinâmica centrífuga pode em qualquer caso ser menor do que a produzida pelas massas de gelo depositadas.”[9]

Einstein considera a hipótese de Charles Hapgood “surpreendente, até mesmo fascinante”, e afirma que a “ideia merece a séria atenção de quem se preocupa com a teoria do desenvolvimento da terra”.

De acordo com as investigações de Hapgood, cada alteração ocorrida no eixo terrestre demorou cerca de 5.000 anos a completar-se, e foi seguida de períodos sem qualquer alteração, que se prolongavam por 20.000 a 30.000 anos [10].

É interessante registrar que estas cifras de tempo encontram-se bem próximas das apontadas na “Doutrina Secreta”, em especial com a relação que HPB estabelece entre o florescimento e a queda das civilizações e a duração do Ano Sideral, que é de 25.868 anos solares.

Tudo está interligado. Os ciclos da evolução humana correm ao lado dos processos cósmicos, solares e terrestres. Pouco a pouco, a humanidade irá percebendo isso mesmo.

É útil continuar a investigar o momento crítico atual, pois ele traz consigo sinais da chegada de um novo ciclo.

(J. Soares)

NOTAS:

[1] O editorial completo pode ser lido em: http://www.publico.clix.pt/Sociedade/14-dias-que-vao-definir-a-opiniao-da-historia-sobre-uma-geracao_1412856

[2] “The Secret Doctrine”, H.P.B., Theosophy Co., Los Angeles, Vol.II, p.329; Na edição de língua portuguesa em seis volumes: “A Doutrina Secreta”, H.P.Blavatsky, Pensamento, São Paulo, Vol.III, p.347.

[3] Consultar o texto “[Filme '2012' Questiona o Futuro](#)”, que se encontra no website www.filosofiaesoterica.com, na seção “A Crise Ambiental e a Civilização do Futuro”.

[4] “The Secret Doctrine” e “A Doutrina Secreta”, obra citada, respectivamente Vol. II, p.330; e Vol. III, p.348.

[5] “The Secret Doctrine” e “A Doutrina Secreta”, obra citada.

[6] “The Secret Doctrine” e “A Doutrina Secreta”, obra citada.

[7] Consultar o texto “[A Teosofia de Albert Einstein](#)” na seção “Ciência, Psicologia e Teosofia” do site www.filosofiaesoterica.com.

[8] http://en.wikipedia.org/wiki/Charles_Hapgood

[9] <http://channel.nationalgeographic.com/channel/ends-of-the-earth-einstein>

[10] http://en.wikipedia.org/wiki/Cataclysmic_pole_shift_hypothesis .

00000000000000000000000000000000

Fortalecendo a Vontade Individual

Vencer a Rotina Mecânica Gera um Magnetismo Positivo

Há nos cidadãos modernos um déficit de vontade individual. É provável que nenhum indivíduo do mundo atual escape inteiramente deste aspecto do carma coletivo.

Os fatores determinantes desse problema são vários. A política econômica dominante busca transformar o indivíduo em um consumidor passivo e destituído de força própria. A política teológica das igrejas trata de transformá-lo em um crente cego e igualmente sem vontade. Para a mídia, ele é um mero consumidor de informações e de entretenimento. A medicina atual o transforma em um comprador de remédios e alguém que se submete a este ou aquele tratamento, ao invés de ensinar-lhe desde o início a ter uma vida saudável e a produzir e preservar o seu próprio bem-estar e sua saúde. Tudo isso alimenta a preguiça mental e emocional.

Quando se tem a intenção de vencer o variado processo de coisificação da vida humana, é necessário fazer um esforço definido. Despertar interiormente significa ir contra a corrente comum que avança águas abaixo. O ato de romper a rotina automática da vida faz com que o indivíduo crie uma força de vontade firme e produza um magnetismo próprio. O teosofista pode romper a rotina, por exemplo, ao dedicar todos os dias um determinado tempo da sua vida a conhecer melhor o que é eterno.

Um estudo regular de filosofia, e uma meditação diária em um canto da casa que seja reservado para isso, são práticas que fortalecem a vontade através da autodisciplina. Mas é preciso lembrar que o progresso espiritual nunca é algo assegurado. Mesmo que alguém já tenha vários anos de prática, cada dia será sempre, decerto modo, o primeiro dia de esforço. A experiência acumulada não é garantia de coisa alguma. A vigilância é sempre igualmente necessária. Ninguém está acima de testes.

Quanto mais se avança, mais duras, mais sagradas - e mais decisivas - são algumas provações. O pior engano que alguém pode fazer consigo mesmo é convencer-se de que “já conhece” o caminho espiritual. Esta ilusão impede a pessoa de querer aprender, e ser aprendiz é uma condição indispensável para que haja progresso.

Ser verdadeiramente sábio significa estar livre da roda de reencarnações e é uma condição que está além da etapa atual de desenvolvimento humano. Entre os indivíduos que convivem com nossa humanidade, os maiores sábios são apenas discípulos da sabedoria eterna. Mas eles aprenderam algo decisivo. Eles aprenderam a aprender.

Para todos, o caminho precisa ser reinventado e reavaliado a cada dia e não há nada mais elevado do que ser aprendiz. A cada nova descoberta, o desapego é testado. O caminho não cessa de surpreender o caminhante. Será possível soltar as velhas ilusões para, com as mãos livres, agarrar as percepções renovadoras que surgem a cada momento? O indivíduo pode disciplinar-se? Pode calar a agitação e ouvir a voz do silêncio - que produz a paz? Ele consegue recolher-se a um canto todos os dias, “parar o mundo externo”, desligar-se, e instalar-se no Templo Interior da sua própria consciência? Na medida em que fizer isso, passará a viver mais plenamente.

WWW.FILOSOFIAESOTERICA.COM

“O Dhammapada” e “Aforismos de Ioga”, em Edições Online

No início de dezembro, o website www.filosofiaesoterica.com colocou ao alcance do público duas obras centrais para a filosofia oriental em geral e a filosofia esotérica em particular. De um lado, “**O Dhammapada**”, a escritura clássica do budismo. De outro lado, “**Aforismos de Ioga, de Patañjali**”, na versão de William Q. Judge. As duas obras online são traduções das edições publicadas pela Theosophy Company, de Los Angeles. O website também apresenta 14 dos 17 capítulos do livro clássico “**O Oceano da Teosofia**”, de William Judge. Entre as novas seções temáticas do site estão as intituladas “**Cristianismo e Teosofia**” e “**Ciência, Psicologia e Teosofia**”.

W.Q. Judge Conhece H.P. Blavatsky O Encontro dos Dois Fundadores do Movimento Teosófico

Quem não passou por momentos marcantes na vida, quando o indivíduo percebe que está diante de algo extremamente valioso e que não se pode perder?

Um desses momentos - depois dos quais nada mais é como antes - foi vivido por William Judge, o co-fundador do movimento teosófico moderno, quando conheceu pessoalmente Helena Blavatsky. As palavras de Judge deixam transparecer a emoção do estudante que sente em seu coração a nota da verdade.

“Foram os seus olhos que atraíram”, escreveu ele. “Os olhos de alguém que devo ter conhecido em vidas ocorridas há muito tempo. Ela me reconheceu na primeira hora, e, desde então, nunca mais seu olhar se modificou. Não vim até ela como um questionador de filosofias, nem como alguém no escuro, ansiando pelas luzes que escolas e teorias fantasiosas obscureceram, mas como alguém que havia peregrinado durante muito tempo pelos corredores da vida, e estava procurando amigos que pudessem mostrar onde tinham sido ocultados os planos de trabalho. E, atendendo lealmente a este pedido, ela respondeu, revelando mais uma vez os planos, sem usar palavras para explicar, mas simplesmente apontando para eles e voltando para a sua tarefa. Era como se na tarde anterior tivéssemos nos afastado, deixando algum detalhe do trabalho empreendido como uma meta comum. Éramos instrutor e discípulo, a irmã mais velha e o irmão mais novo, ambos voltados para a mesma finalidade, mas ela com o conhecimento e o poder que pertencem somente aos leões e aos sábios. E então, à primeira vista, considerei-me salvo. Outras pessoas, eu sei,

teriam olhado com suspeita para um fenômeno que não pudessem verificar, e, embora seja verdade que elas apresentavam muitas alegações capazes de questionar sábios e deuses, era somente devido à sua cegueira que não conseguiam ver o olhar de leão e o coração de diamante de HPB.” [1]

Judge disse que "nunca teve uma existência realmente consciente até Ísis retirar o véu para ele". Ísis era um nome pelo qual HPB era chamada por seus amigos em Nova Iorque. [2]

Desde o primeiro encontro, um sentimento de familiaridade e entendimento mútuo ligou esses dois seres humanos comprometidos com a meta de libertar a humanidade de uma dolorosa e dupla ilusão, ao mesmo tempo materialista e teológica. Como dois velhos companheiros de trabalho, eles se reconheceram imediatamente e colocaram mãos à obra. Judge estava na primeira reunião do movimento teosófico, em sete de setembro de 1875, em Nova Iorque, e ele apoiou HPB até o fim. (M.V.)

NOTAS:

[1] “Helena Blavatsky”, obra de Sylvia Cranston, Editora Teosófica, Brasília, 1994, 678 pp., ver p. 166.

[2] “Helena Blavatsky”, obra citada, mesma página.

Alguns Passos no Auto-Treinamento

Robert Crosbie

Afirma-se, sobre o caminho do verdadeiro Ocultismo, que “o primeiro passo é o sacrifício”. Isso significa “sacrifício” desde o ponto de vista mundano - o ponto de vista do qual nós começamos. O fato de que nós nos libertamos com alegria do peso de coisas indesejáveis mostra o funcionamento do verdadeiro eu.

Não temam o oceano da Vida: ele os apoiará. Eu frequentemente penso na passagem que diz: “Todas as coisas trabalham em conjunto pelo bem daquele que ama o Senhor”. Vocês terão uma compreensão mais ampla do que a comum deste ditado.

Vocês falam de um sentido da verdade que é mais seguro do que qualquer forma de raciocínio. Esta é a ação de *Buddhi* - a cognição direta - a meta de toda filosofia correta e de toda vida correta. Em nossos esforços sinceros, nós às vezes podemos ter vislumbres deste nível de consciência. O grande resultado seria ter a contínua cooperação de *Manas* e *Buddhi* - a mente superior e o conhecimento espiritual; trabalhar como o homem divino, perfeito em todas as suas partes, ao invés da operação fragmentada que se obtém atualmente.

Vocês talvez se lembrem de que no livro “A Voz do Silêncio” são mencionadas duas doutrinas. A Doutrina do Olho é a consciência cerebral, composta em grande parte de impressões externas. A Doutrina do Coração é a consciência espiritual do Eu Superior, que não é percebida pela consciência cerebral enquanto o pensamento correto, e a ação correta, que mais cedo ou mais

